

A ADOLESCÊNCIA DOS DOZE AO ZERO: O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E AS CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E WINNICOTT¹

Ademar Dias de Oliveira²
Ana Jakellyne Pecori Viana³

RESUMO: A adolescência se tornou um dos assuntos mais pesquisados nos últimos anos, muitos autores se propuseram a discutir o assunto nas dimensões biológicas, culturais, sociológicas psicopatológicas ou psicossociais. É um termo extenso que precisa ser debatido, compreendido na sua gênese e na sua totalidade como fenômeno multidimensional. *Ressaltamos que este estudo trata de um ensaio acadêmico*, de natureza qualitativa, tipo bibliográfico teve como objetivo, dialogar sobre o adolecer por meio das considerações teóricas de Freud e Winnicott e desse modo, espera-se fornecer subsídios teóricos, técnicos e holísticos que possam ajudar no pensar sobre esta demanda. O título anunciado faz uma alusão ao desenvolvimento, pensando no processo de “ser” e “vir a ser” adolescente. Feito as análises, reflexões, escuta teórica, foi possível concluir que a vida de fato não é uma linearidade, pois, entre o nascer e o adolecer, surgem as intercorrências que dificultam ou facilitam o processo de desenvolvimento humano.

Palavras Chave: Infância. Adolescência. Educação. Inteligência. Desenvolvimento.

ABSTRACT: Adolescence became one of the most searched topics in recent years, many authors have proposed to discuss the issue in biological, cultural, sociological dimensions psicopatológicas psychosocial. Is an extensive term that needs to be debated, understood on your Genesis and in your entirety as a multidimensional phenomenon. We emphasize that this study is an academic test, qualitative in nature, bibliographic type aimed, dialogue on the adolecer through the theoretical considerations of Freud and Winnicott and thereby, provide theoretical, technical, and grants that may assist in the holistic thinking about this demand. The title announced makes an allusion to the development, thinking in the process of "be" and "become" teenager. Done the analysis, reflections, theoretical, listening was possible to conclude that life in fact is not a linear, because, between the birth and the adolecer, the complications that hinder or facilitate the process of human development.

Key Words: Childhood. Adolescence. Education. Intelligence. Development

¹ Ensaio sobre desenvolvimento psíquico e adolescência resultado de discussões da graduação em Psicologia.

² Psicólogo pela Universidade São Francisco – SP; Mestre em Educação: currículo pela PUCSP; Doutorando em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela UNIFESP; Docente no curso de graduação em Psicologia da UNISEPE, Registro - SP; na Pós-Graduação em Deficiência Intelectual da INEC – Universidade Cruzeiro do Sul e na Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento na Faculdade Peruíbe-SP. psicologoademar@gmail.com

³ Psicóloga pela Universidade Sul de Santa Catarina, Especialista em Psicologia Organizacional pela Uniara- Centro Universitário Araraquara; Docente no curso de graduação em Psicologia da UNISEPE, Registro - SP. anajakellyne@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A infância é um dos períodos mais importantes da vida, pois, é nesta fase inicial que se configura os alicerces da personalidade, da identidade, dos valores individuais, familiares, coletivos e sociais. Pode ser conceituada dependendo do ponto de vista teórico em discussão, no nosso caso aqui, a infância pode ser vista como um período do desenvolvimento, que vai do nascimento ao início da adolescência, tem como principais sinônimos: meninice, puerícia, início, começo, princípio, nascimento, origem, criação.

Uma das principais características da criança é o ato de brincar associada a curiosidade, espontaneidade, costuma ser mais afetiva, empática, porém, para que se desenvolva precisa de um cenário psíquico que favoreça. Quanto a este aspecto do brincar, Grunspun (1998) afirma que quando a criança encontra um ambiente de afeto ela terá equilíbrio emocional necessário para aceitar o mundo e ser aceito.

Segundo Winnicott (1971), é através do brincar que a criança entra em contato com a realidade, o brincar possibilita o diálogo e contribui para o desenvolvimento saudável, fator indispensável na vida da criança. Assim, a passagem da infância para a adolescência deve ser acompanhada pela família, poder público e sociedade.

A adolescência por sua vez, pode ser concebida como um período de grandes mudanças, essas transformações são notáveis tanto do ponto de vista físico, quanto emocional, cultural e social. Esta dinâmica reforça a importância de se pensar numa Psicologia cada vez mais compromissada com esta demanda psicossocial do/adolescente.

Sob a ótica de Stanley Hall (1904), considerado primeiro autor a discutir este fenômeno no contexto psicológico, este período dura dez anos ou mais, ele destaca também a pré-adolescência, dos oito aos 12 anos.

A Aberastury (1983), renomada psicanalista, ressalta a adolescência como o momento mais difícil da vida, período contornado por muita instabilidade e perdas. A mudança no corpo, sinalizado como um processo lento e doloroso, que exige do adolescente a elaboração do luto de criança, afastamento da identidade infantil e pela relação dos pais da infância. Tem que se adaptar a novos conhecimentos e isso implica em transformações.

Assim, os autores concluem que, a partir dessa concepção de adolescência, os meios de comunicação de massa surgem como um determinante importante na

construção de vários significados sociais, não podemos ignorar a participação da mídia nessa construção da concepção de adolescência nos próprios jovens imersos nesse caldo de informações transmitidos diariamente.

É importante salientar que a pessoa não se torna adolescente do dia para a noite, ou seja, não é um processo espontâneo, é uma estrada reta em algumas situações e com encruzilhadas em outras, até mesmo seu início é motivo de controvérsia⁴. Entre o nascer e o crescer a pessoa está balizada por vários fatores psíquicos, sociais, culturais e familiares. Ao analisar as possibilidades de desenvolvimento, precisamos pensar então na conjuntura da pessoa completa.

A adolescência deve ser vista como um fenômeno motor, em movimento, que precisa ser estudado na sua gênese, este olhar não tem data de inicialização, porque incorpora a história da pessoa, porém, cabe sinalizarmos a grosso modo, a partir da concepção, gestação, infância, adolescência, vida adulta e idade avançada.

Diante da explanação acima, o texto em questão trata de reflexões sobre o processo adolecer e tem como objetivo, é discutir com base em algumas concepções teóricas da psicanálise, num profundo diálogo epistemológico sob as perspectivas freudiana e winnicottiana.

O objetivo, dialogar sobre o adolecer por meio das considerações teóricas de Freud e Winnicott e desse modo, espera-se fornecer subsídios teóricos, técnicos e holísticos que possam ajudar no pensar sobre esta demanda.

METODOLOGIA

Optamos pelo Ensaio acadêmico, sob a ótica qualitativa, do tipo bibliográfico. Quanto ao planejamento, iniciamos com a identificação do tema e do problema da pesquisa (o fenômeno adolescente deve ser tratado como um processo psicossocial desde a infância até a consolidação cronológica). Em seguida o escopo/limitação da pesquisa (questões que balizam o conceito).

⁴ Se pensarmos do ponto de vista da bioética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: DA INFÂNCIA A ADOLESCÊNCIA

Quando usamos o chamado “da infância a adolescência”, direto ou indiretamente estamos tratando de seres históricos e contemporâneos, seja do ponto de vista psíquico ou do ponto de vista social. Iniciemos então nossas reflexões a partir da afirmação de Bernardes (2003) de que todo ser é histórico e contemporâneo, que nós não devemos observar a pessoa apenas pelo discurso extrínseco que (externo), aquilo que é atual ou seja, o indivíduo tem uma historicidade psíquica e social a ser lida. Este autor sustenta a ideia de que a vida não é uma linearidade, ou seja, existem retas, curvas, buracos e deve ser encarada como um processo passível de mudanças.

Feito as considerações iniciais, é importante notar que neste trecho serão apresentadas as contribuições Freud e Winnicott sobre o processo de desenvolvimento e possíveis vulnerabilidades em questão. Para dar andamento a possíveis contribuições desses autores neste diálogo, é importante fazer uma breve apresentação de suas principais ideias.

De acordo com Fadiman & Frager (1986), Sigmund Freud é considerado o grande nome da psicanálise de todos os tempos, foi o responsável pela revolução no estudo da mente humana. Quanto a seus principais conceitos, destacam-se os estudos sobre o Consciente, pré-consciente e inconsciente, Pulsões e instintos, ID, Ego e Superego, estudou a estrutura da personalidade, mecanismos de defesa e desenvolvimento psicosexual.

De acordo com a Federação Brasileira de Psicanálise, Winnicott foi Pediatra e Psicanalista, nasceu na Grã-Bretanha, em 7 de abril de 1896, e morreu em Londres, em 25 de janeiro de 1971. A sua teoria baseia-se no fato de que a psique não é uma estrutura pré-existente e sim algo que vai se constituindo a partir da elaboração imaginativa do corpo e de suas funções – o que constitui o binômio psique-soma. Ele usa a o ambiente para explicar este processo, porém, sem adentrar em outras correntes, ambiente para o Winnicott está relacionado ao espaço protetivo do bebe, local de afeto, amor, cuidado materno e de boa apresentação de mundo ao ser.

A partir desse ponto do ensaio, será dado início então ao diálogo entre os autores Freud e Winnicott, o objetivo dessas contribuições é levar ao leitor/a várias possibilidades de pensar o processo de desenvolvimento humano e quais as possíveis lacunas presentes neste movimento. Sendo assim, não se pretende inserir neste bate

papo epistemológico as divergências teóricas entre os autores, principalmente sobre a questão do inconsciente e tópicos freudianos. Pelo contrário, a proposta aqui é tentar entender e aí levar o/a leitor a pensar quais as possíveis influências psíquicas na constituição da pessoa, especialmente no campo da adolescência, identidade e personalidade.

Algumas indagações servirão como norte nesse diálogo: Como a pessoa se constitui? As lacunas deixadas no processo de constituição da pessoa podem desaguar na adolescência? E por último, é possível associar questões comportamentais de adolescentes na atualidade ao processo de desenvolvimento? Qual a função social da Psicologia diante dessas possibilidades?

Até chegar aos característicos momentos de indecisões, hormônios alterados e transformações provocados no período da adolescência, o ser humano visita vários cenários e esta visita é fundamental para entendermos algumas ações dos mesmos na atualidade.

Seria ousado dizer, porém se faz necessário ressaltar que a boa apresentação de mundo ao adolescente passa necessariamente pela boa apresentação de mundo a criança nos primeiros anos de vida. Existem diversos autores que poderiam nos orientar nesta compreensão, se pensarmos no pai da psicanálise, alguns adeptos aos pensamentos freudianos julgam que o “não” negado na adolescência pode ter relação com o “não” que não foi dito nos primeiros anos de vida, principalmente quando a criança clama pelo aparecimento do limite no complexo de Édipo.

Ao falar de Freud, Bock (2008) destaca que durante o período de desenvolvimento psicosssexual a criança passa por mudanças internas que dependendo da forma em que são vividas, interferem na constituição da personalidade e no sentimento de pertença. A saber, Freud vai dividir o desenvolvimento da infância a adolescência em cinco estágios, sendo a fase oral, anal, fálica, latência e genital, é o que ele postula como desenvolvimento psicosssexual:

A fase oral é caracterizada como período de manifestação do prazer via boca, a criança mostra-se alegre na hora da alimentação, contente na hora de ingerir sucos, sopinhas, leite. O momento da amamentação funciona como anestésico. Comportamentos comuns entre nascimento aos 2 anos de idade, nota-se aqui a importância da figura materna como mediadora de desenvolvimento.

A fase anal conforme sugestão do próprio termo, mostra uma zona de erotização no ânus, período que vai dos 2 aos 4 anos de idade, a criança sente prazer ao defecar, gosta de observar as fezes, período de controle de esfíncteres (passagem da fralda para o “penico”). Apesar de Freud não acrescentar o fenômeno social neste processo, não tem como não inserir ousadamente nesta reflexão, como seria a vida de uma criança sem uma referência neste processo? Como ela lida com esta busca do prazer na ausência da figura materna ou paterna? Fica aí uma reflexão inicial desse ensaio.

Na fase fálica, a zona de erotização é o órgão sexual, a criança não consegue distinguir o que é pênis e o que é vagina, período caracterizado pelo Complexo de Édipo. São sentimentos opostos, de amor e ódio, direcionados para aqueles que lhe são mais próximos a mãe ou ao pai, este “complexo” na realidade surge quando bebê, devido a atenção e cuidado despertada pelos pais.

Sobre a questão acima, conforme Freud (1908/1924), a menina sente ciúmes do pai e o menino da mãe, são sentimentos conflitantes que configuram o Complexo de Édipo. Período que vai dos 3 aos 7 anos. Sente-se incomodado quando o pai tem momentos de troca de carícias com a mãe, empurra, vendo-o como concorrente.

Aqui também dá para postar algumas considerações sobre as consequências de uma personalidade cercada de espinhos, neste período do complexo de Édipo é possível trabalhar com a criança várias possibilidades de limites, algo em extinção no mundo atual. Quando a criança quer ocupar o espaço do outro (neste caso o pai ou mãe), ela precisa ser “repreendida” para saber que nem sempre suas vontades serão saciadas na vida adulta, que a vida em sociedade é acarretada de regras e que o processo de adaptação passa necessariamente pelo controle de frustração. Nem tudo que eu quero, é o que eu devo e o que eu posso.

Freud (1856-1939), afirma que é neste período que a criança precisa conhecer os limites, ou seja, precisa ouvir os primeiros “nãos” devidamente explicados, momento de ampliação de aspectos morais, uma vez que deve passar a compreender as regras, limites e possibilidades de relações.

O período de latência é apresentado por Freud (1908), como um momento de amor platônico, vai dos 7 aos 11 anos, comum sentimento de que tudo é para sempre, a namorada, os amigos, a família. Período conhecido também como primeiras impressões de gênero, caracterizado pelo famoso clube da bolinha, atividades que são de meninas são negadas para os meninos e em brincadeiras de meninos, as meninas não devem se

aproximar, aqui surgem os primeiros exibicionismos, comportamentos obscenos, preocupação com assuntos sexuais, a intenção aqui já é ter prazer sexual na prática.

Talvez aqui encontraríamos uma possível explicação para comportamentos psicopatológicos na vida após a infância, neste período de latência a pessoa começa a ter contato com seus impulsos sociais, este amor platônico por exemplo pode ser encarado como possível criadouro do possessivo, acreditar que tudo é para sempre significa não saber lidar com perdas, com respostas negativas e isso é preocupante uma vez que principalmente nas relações afetivas na vida adulta, as pessoas não conseguem lidar com rupturas, comum quando uma jovem termina o namoro e não se aceita e agride o assassina a mesma e o/a atual namorado/a. Quantos adolescentes não estão nesta situação? Outras questões podem ser explicadas neste período como o descontrole sexual, também comum em alguns jovens da atualidade, comportamentos de risco ou até mesmo perversões, tais como assédio e abuso. Claro que não existe uma receita de bolo, porém, algumas intervenções neste período ajudariam a prevenir questões futuras.

O último período freudiano é o genital, inicia-se com puberdade, portanto, depende de cada cultura, surge a perda da identidade infantil e desenvolvimento da identidade adulta (quem sou eu?), curiosidades sexuais são mais avançadas e assim os impulsos sexuais estão voltados para o externo.

Em quase todos os períodos, por mais que a psicanálise não reconheça as interferências do ambiente nas consequências comportamentais, percebe-se que a criança não lida com essas mudanças isoladamente, sempre precisa de alguém, e este alguém acaba sendo a figura materna ou paterna. Conforme as observações das teorias freudianas, existem questões que surgem no processo de desenvolvimento da pessoa que são difíceis de explicar por que, conforme conta a própria história psicanalítica, ele se propôs conhecer, compreender e interpretar a dinâmica do inconsciente. Quando se postulou a primeira tópica freudiana, ficou claro que o nosso aparelho psíquico foi e continua sendo fundamental para entendermos alguns processos psicológicos que pairam sobre a atualidade competitiva do século XXI.

De acordo com Laplanche, J. e Pontalis (1970) a estrutura psíquica se divide em três instâncias, consciente, pré-consciente e inconsciente. O consciente se refere somente uma pequena parte da mente, é o que está exposto, raciocínios, percepções, pensamentos. O que está recente, fácil de ser lembrado. O Pré-consciente, se refere ao local e que ficam estacionados conteúdo que poderão ser lembrados com certo esforço

mental, está quase se “apagando”, neste cenário mental estão as memórias, lembranças. O inconsciente, fonte de grande exploração na teoria freudiana, se refere a uma camada obscura, onde estão as nossas pulsões, medos, desejos e recalcamientos, enfim, os elementos instintivos não acessíveis à consciência.

Esta última instância talvez seja uma das possibilidades analíticas quando se pensa em adolescência, principalmente quando se trata de comportamentos violentos, intolerâncias, fantasias, comportamentos, atitudes, agressividades e conflitos.

Qualquer abordagem psicológica pode detalhadamente nos mostrar que, quando resolvemos encarar um indivíduo isoladamente, acompanhar seus passos ao longo da vida, logo vamos nos dar conta de que esse indivíduo tem uma trajetória abrangente e que não se limita a si mesmo. Existem formas de se frustrar, de se satisfazer, de conduzir-se que se relacionam, ou, até mesmo, dependem diretamente de outras pessoas. (CAPITÃO, 2007 P. 51)

Outra contribuição freudiana para entendermos os comportamentos das pessoas, no nosso caso aqui, a adolescência, é o conceito de Id, Ego e Superego. Conhecida como segunda tópica freudiana, o Id pode ser considerado como um caldeirão de desejos, impulsos, ou seja, busca do prazer pelo caminho mais curto, a pessoa costuma agir em função do Id para se envolver em situações as quais não pensa em sugestões e nas consequências.

O Ego foi definido por Freud (1976) como instância de sugestões de atitudes, é o equilíbrio entre razão e emoção, aqui o Ego mostra ao ser humano que ele pode agir, mas não precisa ser naquele momento. O Superego vem com as regras morais, valores familiares, legais, políticos, econômicos. Como um juiz que alerta sobre as consequências, dependendo do que cometer, poderá ser punido.

Se pensarmos do ponto de vista analítico para entender a adolescência contemporânea, quais estão agindo em função do Id, Ego e Superego? Vejam que o comportamento nos primeiros anos de vida e depois na adolescência, ressurge de um estado de tensão e decisão. Diante de diversas influências o/a adolescente/a acaba negando está dinâmica, atendendo na maioria das vezes as vontades do Id, por essa e outras razões que possamos explicar as razões de tantos adolescentes no universo do crime.

Usamos nesta sessão dois grandes autores da psicanálise, o Freud que trouxe suas contribuições, este falou sob a ótica do desenvolvimento, constituição de personalidade, dos conteúdos arquivados no consciente, pré-consciente e inconsciente. Depois os conceitos de Id, Ego e Superego.

Os pressupostos freudianos nos ajudam a perceber que o processo de desenvolvimento é denso, complexo e cercado de possibilidades, que na maioria das vezes não é perceptível, mas que se apresenta em comportamentos, isso via manifestação real ou em silêncio, mesmo com tantas resistências, Freud vai nos dizer que nenhum ser humano é capaz de guardar um segredo, se a boca se cala, falam as pontas dos dedos, outro aspecto que nos ajuda a finalizar esta parte inicial do estudo é a relação entre a origem da pessoa e as questões morais na vida posterior, conforme (FREUD 1952/1985), a impotência original do ser humano torna-se a fonte primeira de todos os motivos morais.

Fica praticamente impossível falar do fenômeno adolescência sem falarmos dos primeiros anos de vida que podem ser cruciais no trajeto. Um dos maiores estudiosos no assunto é Winnicott (1985). Segundo o autor, é preciso compreender os estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional da pessoa, ele constatou que boa porcentagem das questões emocionais parecia encontrar sua origem nas etapas precoces do desenvolvimento.

Conforme o contexto dos processos psicológicos descritos neste estudo, a família surge como mediadora de condutas, pois é considerada a base social, estrutural da sociedade, pode ser considerada um grupo primário de pessoas ligados por descendência a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção. Na contemporaneidade surgiram outros conceitos de família, nomeações que vão além dos aspectos sanguíneos, família pode ser entendida como uma composição que abrange também aspectos afetivos externos.

A ‘mãe’ suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. (WINNICOTT, 1975, p. 25).

A razão para falar de família está atrelada a importância da mãe nos primeiros anos de vida, sobre este aspecto, Winnicott (1985) afirma que o primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe: A sua expressão, o seu olhar, a sua voz, assim ele afirma que esconder-se é um prazer, mas, não ser encontrado é uma catástrofe. Ainda segundo o autor, “quando os pais não são capazes de dar o que é necessário, os professores ou a própria escola podem, frequentemente, fazer bastante para cobrir essa deficiência” (WINNICOTT, 1985, p. 247).

Winnicott (1985) vai atribuir ao ambiente uma função primordial na formação da pessoa, quando ele usa o termo ambiente, ele não relaciona necessariamente ao aberto, cultura, pelo contrário, ele se concentra no aspecto afetivo, protetivo e empático. O autor vai enfatizar que o indivíduo passa a existir respaldado do cuidado e atenção de outro ser humano. Nos remete ao estágio primitivo do desenvolvimento da criança, quando o autor aponta ambiente suficientemente bom ou mãe suficientemente boa, ele está nos dizendo que o ambiente tem que ser suficientemente bom, o termo “suficientemente bom” foi usado falar da necessidade de se fazer boa apresentação de mundo ao bebê, espaço de acolhimento, alegria, afeto, amor, cuidado, proteção, isso possibilitará alterações de comportamento.

De modo geral, pensar no Winnicott nos ensina a ver as influencias maternas na sociedade, quando o bebê é criado em um cenário de alegria e paz, conforto, união e solidariedade ele tem a tendência a não se envolver em atos elícitos. Freud por sua vez nos ajuda a entender o processo, as etapas de desenvolvimento e assim passamos a ter contato com as principais publicações dele.

Todo este processo, tanto na dimensão de desenvolvimento proposta por Freud (1856/1939) ou da boa apresentação de mundo sinalizada por Winnicott (1896/1971) nos leva a pensar nas questões de personalidade e identidade da pessoa. Esta dinâmica nos leva a refletir sobre lacunas e preenchimentos que devem ser caracterizadas, e interpretadas. Quando grande parte da sociedade se depara com uma situação em que o/a adolescente emerge como centro da atenção, seja do ponto de vista lícito ou ilícito, surgem as interpretações de condutas, “qual a personalidade dele?”, “Com que ele se identifica”? Este ensaio sobre Freud e Winnicott pode ajudar nesta compressão. Antes, é preciso tecer considerações sobre os conceitos de personalidade e identidade. *A concepção de personalidade envolve uma variedade conflitos entre o indivíduo, que visa satisfazer os seus impulsos instintivos, e o mundo social, que restringe este desejo.* ” (CLONINGER, 1999, p. 55).

Para Silvia (2009), a personalidade está inserida na identidade da pessoa, pertence a pessoa. Nela estão todas as qualidades, traços. Aspecto subjetivo psíquico. (Papel psicológico) Como você é? (Ele é sensível, agressivo, calmo, comunicativo, proativo...) Já a identidade, são elementos que o identificam. A Identidade é o que nos define quem somos, bem como a nossa missão. Ela diz aos outros e a nós, quem somos e para onde vamos. A pessoa se manifesta de acordo com o enredo, cenário, narrativa e

isso é alterado dependendo do contexto, das finalidades. A identidade é construída nas relações, os movimentos das pessoas facilitam esta construção.

Assim, por mais que as concepções de identidade aqui tenham seguido outras perspectivas além da psicanálise, é possível compreender a importância de ouvir outros autores sobre conceitos tão primordiais no desenvolvimento humano. Foi comum nestas citações, termos tais como pertença, identificação, integração, valorização, sentimentos dentre outros. Isso nos remete mais uma vez aos pressupostos winnicottianos e freudianos, pois, este processo não se dá da noite para o dia, é longo e envolve a pessoa na sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, é possível concluir que é preciso de fato pensar em novos subsídios teóricos, técnicos e holísticos para compreender as manifestações comportamentais de adolescentes na atualidade. Devido ao fato do adolescente chamar a atenção da sociedade mundial, a Psicologia se configura neste contexto como ciência que gera uma prática profissional e deve dar continuidade a este entendimento e reflexão psicanalítica sobre o fenômeno adolescência.

O pode ser humano é biopsicossocial, precisa do biológico pelo simples fato de pensar, sentir, perceber, nascer, andar, crescer, ao mesmo tempo não se separa do psicológico porque é um processo intercalado e acaba sendo social, porque se relaciona com o mundo.

Sobre as indagações apresentadas no decorrer do texto, a pessoa se constitui numa conjuntura somada entre mente e corpo, esta constituição passa por situações psíquicas manifestas e latentes, sendo esta última, subjetiva, simbólica e inacessível e a segunda, presente nas condutas contemporâneas. Sobre as lacunas deixadas no processo de constituição da pessoa, de fato podem desaguar tanto na adolescência quanto na vida adulta, porque o percurso é denso e exige preenchimento, atenção e proteção. As questões comportamentais de adolescentes na atualidade devem ser também interligadas ao processo de desenvolvimento e por último, a Psicologia tem uma grande missão, que é atuar na interdisciplinaridade com o objetivo de minimizar o sofrimento psicológico e contribuir para uma formação de personalidade, identidade que atenda a angústias sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. (Org.). (1983). **Adolescência** (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas

BERNARDES, Jefferson de Souza (in) livro Strey, Marlene Neves. **Psicologia Social Contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Página 07 até a 15.

BOCK, Ana Maria Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13ªed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CAPITÃO, Claudio Garcia; HELOANI, José Roberto. **A identidade como grupo, o grupo como identidade**. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>> Acesso em 12 set. 2017.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FADIMAN, James; FRAGER. Robert. **Teorias da personalidade**. / coordenação da tradução Odette de Godoy Pinheiro; tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. - São Paulo: HARBRA, 1986.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____ **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago; 1976.

_____ **Sobre as teorias sexuais das crianças**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad. Vol. 9, pp. 187-204). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)

Hall, G. S. (1904). **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education** (Vol. 2). New York: D. Appleton and Company.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. 1970 **Vocabulário da psicanálise**. Lisboa, Martins Fontes.

PSICANÁLISE, Federação Brasileira de. Disponível em: < **Federação Brasileira de Psicanálise** <http://febrapsi.org.br/>> Acesso em 02 set. 2017.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Trad. David Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1958/2000.

_____ (1963/1982). **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____ (1971/1975). **O brincar e a realidade.** Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1987/2006). **Os bebês e suas mães.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.